

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2020 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2020 – Estado da Questão

Textos

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

AAP – ISBN: 978-972-9451-89-8
CITCEM – ISBN: 978-989-8970-25-1

Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM
Lisboa, 2020

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:
Planta do castro de Monte Mozinho (Museu Municipal de Penafiel).



Apoio



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud

1. Historiografia e Teoria

- 17 Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões)
Ana Cristina Martins
- 25 Como descolonizar a arqueologia portuguesa?
Rui Gomes Coelho
- 41 Arqueologia e Modernidade: uma revisitação pessoal e breve de alguns aspetos da obra homónima de Julian Thomas de 2004
Vitor Oliveira Jorge
- 57 Dados para a História das Mulheres na Arqueologia portuguesa, dos finais do século XIX aos inícios do século XX: números, nomes e tabelas
Filipa Dimas / Mariana Diniz
- 73 Retractos da arqueologia portuguesa na imprensa: (in)visibilidades no feminino
Catarina Costeira / Elsa Luís
- 85 Arqueologia e Arqueólogos no Norte de Portugal
Jacinta Bugalhão
- 101 Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes
João Amendoeira Peixoto / Ana Cristina Martins
- 115 *Os memoráveis?* A arqueologia algarvia na imprensa nacional e regional na presente centúria (2001-2019): características, visões do(s) passado(s) e a arqueologia enquanto *marca*
Frederico Agosto / João Silva
- 129 A Evolução da Arqueologia Urbana e a Valorização Patrimonial no Barlavento Algarvio: Os casos de Portimão e Silves
Artur Mateus / Diogo Varandas / Rafael Boavida

2. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 145 O Caderno Reivindicativo e as condições de trabalho em Arqueologia
Miguel Rocha / Liliana Matias Carvalho / Regis Barbosa / Mauro Correia / Sara Simões / Jacinta Bugalhão / Sara Brito / Liliana Veríssimo Carvalho / Richard Peace / Pedro Peça / Cézer Santos
- 155 Os Estudos de Impacte Patrimonial como elemento para uma estratégia sustentável de minimização de impactes no âmbito de reconversões agrícolas
Tiago do Pereiro
- 165 Salvaguarda de Património arqueológico em operações florestais: gestão e sensibilização
Filipa Bragança / Gertrudes Zambujo / Sandra Lourenço / Belém Paiva / Carlos Banha / Frederico Tatá Regala / Helena Moura / Jacinta Bugalhão / João Marques / José Correia / Pedro Faria / Samuel Melro
- 179 Os valores do Património: uma investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco

- 189 Conjugando recursos arqueológicos e naturais para potenciar as visitas ao Geoparque Litoral de Viana do Castelo (Nordeste de Portugal)
Hugo A. Sampaio / Ana M.S. Bettencourt / Susana Marinho / Ricardo Carvalhido
- 203 Áreas de Potencial Arqueológico na Região do Médio Tejo: Modelo Espacial Preditivo
Rita Ferreira Anastácio / Ana Filipa Martins / Luiz Oosterbeek
- 223 Património Arqueológico e Gestão Territorial: O contributo da Arqueologia para a revisão do PDM de Avis
Ana Cristina Ribeiro
- 237 A coleção arqueológica do extinto Museu Municipal do Porto – Origens, Percursos e Estudos
Sónia Couto
- 251 Valpaços – uma nova carta arqueológica
Pedro Pereira / Maria de Fátima Casares Machado
- 263 Arqueologia na Cidade de Peniche
Adriano Constantino / Luís Rendeiro
- 273 Arqueologia Urbana: a cidade de Lagos como caso de Estudo
Cátia Neto
- 285 Estratégias de promoção do património cultural subaquático nos Açores. O caso da ilha do Faial
José Luís Neto / José Bettencourt / Luís Borges / Pedro Parreira
- 297 Carta Arqueológica da Cidade Velha: Uma primeira abordagem
Jaylson Monteiro / Nireide Tavares / Sara da Veiga / Claudino Ramos / Edson Brito / Carlos Carvalho / Francisco Moreira / Adalberto Tavares
- 311 Antropologia Virtual: novas metodologias para a análise morfológica e funcional
Ricardo Miguel Godinho / Célia Gonçalves

3. Didáctica da Arqueologia

- 327 Como os projetos de Arqueologia podem contribuir para uma comunidade culturalmente mais consciente
Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira / Ricardo Lopes
- 337 Educação Patrimonial – Um cidadão esclarecido é um cidadão ativo!
Ana Paula Almeida
- 351 A aproximação da Arqueologia à sala de aula: um caso de estudo no 3º ciclo do Ensino Básico
Luís Serrão Gil
- 363 *Arqueologia 3.0* – Pensar e comunicar a Arqueologia para um futuro sustentável
Mónica Rolo
- 377 “Conversa de Arqueólogos” – Divulgar a Arqueologia em tempos de Pandemia
Diogo Teixeira Dias
- 389 Escola Profissional de Arqueologia: desafios e oportunidades
Susana Nunes / Dulcineia Pinto / Júlia Silva / Ana Mascarenhas
- 399 Os Museus de Arqueologia e os Jovens: a oferta educativa para o público adolescente
Beatriz Correia Barata / Leonor Medeiros
- 411 O museu universitário como mediador entre a ciência e a sociedade: o exemplo da secção de arqueologia no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)
Rita Gaspar

- 421 Museu de Lanifícios: Real Fábrica de Panos. Atividades no âmbito da Arqueologia
Beatriz Correia Barata / Rita Salvado
- 427 Arqueologia Pública e o caso da localidade da Mata (Torres Novas)
Cláudia Manso / Ana Rita Ferreira / Cristiana Ferreira / Vanessa Cardoso Antunes
- 431 Do sítio arqueológico ao museu: um percurso (também) didático
Lídia Fernandes
- 447 Estão todos convidados para a Festa! E para dançar também... O projecto do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo na 5ª Edição da Festa da Arqueologia
Rita Pires dos Santos
- 459 O “Clã de Carenque”, um projeto didático de arqueologia
Eduardo Gonzalez Rocha
- 469 Mediação cultural: peixe que puxa carroça nas Ruínas Romanas de Troia
Inês Vaz Pinto / Ana Patrícia Magalhães / Patrícia Brum / Filipa Santos
- 481 Didática Arqueológica, experiências do Projeto Mértola Vila Museu
Maria de Fátima Palma / Clara Rodrigues / Susana Gómez / Lígia Rafael

4. Arte Rupestre

- 497 Os inventários de arte rupestre em Portugal
Mila Simões de Abreu
- 513 O projeto FIRST-ART – conservação, documentação e gestão das primeiras manifestações de arte rupestre no Sudoeste da Península Ibérica: as grutas do Escoural e Maltravieso
Sara Garcês / Hipólito Collado / José Julio García Arranz / Luiz Oosterbeek / António Carlos Silva / Pierluigi Rosina / Hugo Gomes / Anabela Borralheiro Pereira / George Nash / Esmeralda Gomes / Nelson Almeida / Carlos Carpetudo
- 523 Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto PalæoCôa
André Tomás Santos / António Fernando Barbosa / Luís Luís / Marcelo Silvestre / Thierry Aubry
- 537 Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa
Mário Reis
- 551 Os motivos zoomórficos representados nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)
Andrea Martins / César Neves / José M. Arnaud / Mariana Diniz
- 571 Arte Rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009
Mário Varela Gomes
- 599 Gravuras rupestres de barquiiformes no Monte de S. Romão, Guimarães, Noroeste de Portugal
Daniela Cardoso
- 613 Círculos segmentados gravados na Bacia do Rio Lima (Noroeste de Portugal): contributos para o seu estudo
Diogo Marinho / Ana M.S. Bettencourt / Hugo Aluai Sampaio
- 631 Equídeos gravados no curso inferior do Rio Mouro, Monção (NW Portugal). Análise preliminar
Coutinho, L.M. / Bettencourt, A.M.S / Sampaio, Hugo A.S
- 645 Paletas na Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. Inventário preliminar
Bruna Sousa Afonso / Ana M. S. Bettencourt / Hugo A. Sampaio

5. Pré-História

- 661 O projeto Miño/Minho: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos
Sérgio Monteiro-Rodrigues / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas / Carlos Ferreira / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 677 A ocupação paleolítica da margem esquerda do Baixo Minho: a indústria lítica do sítio de Pedreiras 2 (Monção, Portugal) e a sua integração no contexto regional
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Eduardo Méndez-Quintas / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 693 O sítio acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira
Joan Daura / Montserrat Sanz / Filipa Rodrigues / Pedro Souto / João Zilhão
- 703 As sociedades neandertais no Barlavento algarvio: modelos preditivos com recurso aos SIG
Daniela Maio
- 715 A utilização de quartzo durante o Paleolítico Superior no território dos vales dos rios Vouga e Côa
Cristina Gameiro / Thierry Aubry / Bárbara Costa / Sérgio Gomes / Luís Luís / Carmen Manzano / André Tomás Santos
- 733 Uma perspetiva diacrónica da ocupação do concheiro do Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal) a partir da tecnologia lítica
Joana Belmiro / João Cascalheira / Célia Gonçalves
- 745 Novos dados sobre a Pré-história Antiga no concelho de Palmela. A intervenção arqueológica no sítio do Poceirão I
Michelle Teixeira Santos
- 757 Problemas em torno de Datas Absolutas Pré-Históricas no Norte do Alentejo
Jorge de Oliveira
- 771 Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira
Pedro Xavier / José Meireles / Carlos Alves
- 783 Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na Baixa Bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo
Maria de Jesus Sanches
- 797 O Processo de Neolitização na Plataforma do Mondego: os dados do Sector C do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal)
João Carlos de Senna-Martinez / José Manuel Quintã Ventura / Andreia Carvalho / Cíntia Maurício
- 823 Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)
Filipa Rodrigues / Pedro Souto / Artur Ferreira / Alexandre Varanda / Luís Gomes / Helena Gomes / João Zilhão
- 837 A pedra polida e afeiçoada do sítio do Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)
César Neves
- 857 Casal do Outeiro (Encarnação, Mafra): novos contributos para o conhecimento do povoamento do Neolítico final na Península de Lisboa.
Cátia Delicado / Carlos Maneira e Costa / Marta Miranda / Ana Catarina Sousa
- 873 Stresse infantil, morbilidade e mortalidade no sítio arqueológico do Neolítico Final/Calcolítico (4º e 3º milénio a.C.) do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

- 885 *Come together*: O Conjunto Megalítico das Motas (Monção, Viana do Castelo) e as expressões Campaniformes do Alto Minho
Ana Catarina Basílio / Rui Ramos
- 899 Trabalhos arqueológicos no sítio Calcolítico da Pedreira do Poio
Carla Magalhães / João Muralha / Mário Reis / António Batarda Fernandes
- 913 O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Da arquitectura do sítio à arquitectura de um território
João Muralha Cardoso
- 925 Estudo zooarqueológico das faunas do Calcolítico final de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): Campanhas de 2017 e 2018
Cleia Detry / Ana Catarina Francisco / Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 943 As faunas depositadas no Museu Arqueológico do Carmo provenientes de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): as campanhas de 1937 a 1967
Ana Catarina Francisco / Cleia Detry / César Neves / Andrea Martins / Mariana Diniz / José Morais Arnaud
- 959 Análise funcional de material lítico em sílex do castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja, Portugal): uma primeira abordagem
Rafael Lima
- 971 O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos
António Carlos Valera / Tiago do Pereiro / Pedro Valério / António M. Monge Soares

6. Proto-História

- 987 Produção de sal marinho na Idade do Bronze do noroeste Português. Alguns dados para uma reflexão
Ana M. S. Bettencourt / Sara Luz / Nuno Oliveira / Pedro P. Simões / Maria Isabel C. Alves / Emílio Abad-Vidal
- 1001 A estátua-menir do Pedrão ou de São Bartolomeu do Mar (Esposende, noroeste de Portugal) no contexto arqueológico da fachada costeira de entre os rios Neiva e Cávado
Ana M. S. Bettencourt / Manuel Santos-Estévez / Pedro Pimenta Simões / Luís Gonçalves
- 1015 *O Castro do Muro* (Vandoma/Baltar, Paredes) – notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média
Maria Antónia D. Silva / Ana M. S. Bettencourt / António Manuel S. P. Silva / Natália Félix
- 1031 Do Bronze Final à Idade Média – continuidades e hiatos na ocupação de Povoados em Oliveira de Azeméis
João Tiago Tavares / Adriaan de Man
- 1041 As faunas do final da Idade do Bronze no Sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)
Nelson J. Almeida / Íris Dias / Cleia Detry / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1055 A Espada do Monte das Oliveiras (Serpa) – uma arma do Bronze Pleno do Sudoeste
Rui M. G. Monge Soares / Pedro Valério / Mariana Nabais / António M. Monge Soares
- 1065 São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) - Investigação e valorização de um povoado do Bronze Final
António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Sara Almeida e Silva / Edite Martins de Sá
- 1083 Do castro de S. João ao Mosteiro de Santa Clara: notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde
Rui Pinheiro

- 1095 O castro de Ovil (Espinho), um quarto de século de investigação – resultados e questões em aberto
Jorge Fernando Salvador / António Manuel S. P. Silva
- 1111 O Castro de Salreu (Estarreja), um povoado proto-histórico no litoral do Entre Douro e Vouga
Sara Almeida e Silva / António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Edite Martins de Sá
- 1127 Castro de Nossa Senhora das Necessidades (Sernancelhe): uma primeira análise artefactual
Telma Susana O. Ribeiro
- 1141 A cidade de Bagunte. O estado atual da investigação
Pedro Brochado de Almeida
- 1153 Zoomorfos na cerâmica da Idade do Ferro no NW Peninsular: inventário, cronologias e significado
Nuno Oliveira / Cristina Seoane
- 1163 Vasos gregos em Portugal: diferentes maneiras de contar a história do intercâmbio cultural na Idade do Ferro
Daniela Ferreira
- 1175 Os *exotica* da necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) no seu contexto regional
Francisco B. Gomes

7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1191 O uso de madeira como combustível no sítio da Quinta de Crestelos (Baixo Sabor): da Idade do Ferro à Romanização
Filipe Vaz / João Tereso / Sérgio Simões Pereira / José Sastre / Javier Larrazabal Galarza / Susana Cosme / José António Pereira / Israel Espi
- 1207 Cultivos de Época Romana no Baixo Sabor: continuidade em tempos de mudança?
João Pedro Tereso / Sérgio Simões Pereira / Filipe Santos / Luís Seabra / Filipe Vaz
- 1221 A casa romana na Hispânia: aplicação dos modelos itálicos nas províncias ibéricas
Fernanda Magalhães / Diego Machado / Manuela Martins
- 1235 As pinturas murais romanas da Rua General Sousa Machado, n.º 51, Chaves
José Carvalho
- 1243 Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) – Uma exploração agrícola romana do Douro
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1255 A sequência de ocupação no quadrante sudeste de *Bracara Augusta*: as transformações de uma unidade doméstica
Lara Fernandes / Manuela Martins
- 1263 Os Mosaicos com decoração geométrica e geométrico-vegetalista dos sítios arqueológicos da área do *Conuentus Bracaraugustanus*. Novas abordagens quanto à conservação, restauro, decoração e datação
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 1277 “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Crestelos, Lousada): Escavação, Estudo e Musealização
Paulo André de P. Lemos
- 1291 A arqueobotânica no Castro de Guifões (Matosinhos, Noroeste de Portugal): O primeiro estudo carpológico
Luís Seabra / Andreia Arezes / Catarina Magalhães / José Varela / João Pedro Tereso

- 1305 Um *Horreum* Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia)
Rui Ramos
- 1311 Ponderais romanos na Lusitânia: padrões, formas, materiais e contextos de utilização
Diego Barrios Rodríguez
- 1323 Um almofariz centro-italico na foz do Mondego
Marco Penajoia
- 1335 Estruturas romanas de Carnide – Lisboa
Luísa Batalha / Mário Monteiro / Guilherme Cardoso
- 1347 O contexto funerário do sector da “necrópole NO” da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa): o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado
Sílvia Loja, José Carlos Quaresma, Nelson Cabaço, Marina Lourenço, Sílvia Casimiro, Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves-Cardoso
- 1361 Povoamento em época Romana na Amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar
Gisela Encarnação / Vanessa Dias
- 1371 A Arquitectura Residencial em *Mirobriga* (Santiago do Cacém): contributo a partir de um estudo de caso
Filipe Sousa / Catarina Felício
- 1385 O fim do ciclo. Saneamento e gestão de resíduos nos edifícios termais de *Mirobriga* (Santiago do Cacém)
Catarina Felício / Filipe Sousa
- 1399 *Balsa*, Topografia e Urbanismo de uma Cidade Portuária
Vitor Silva Dias / João Pedro Bernardes / Celso Candeias / Cristina Tété Garcia
- 1413 No Largo das Mouras Velhas em Faro (2017): novas evidências da necrópole norte de *Ossonoba* e da sua ocupação medieval
Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1429 Instrumentos de pesca recuperados numa fábrica de salga em *Ossonoba* (Faro)
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho
- 1439 A Necrópole Romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016
Laura Sousa / Teresa Soeiro
- 1457 Ritual, descarte ou afetividade? A presença de *Canis lupus familiaris* na Necrópole Noroeste de *Olisipo* (Lisboa)
Beatriz Calapez Santos / Sofia Simões Pereira / Rodrigo Banha da Silva / Sílvia Casimiro / Cleia Detry / Francisca Alves Cardoso
- 1467 Dinâmicas económicas em *Bracara* na Antiguidade Tardia
Diego Machado / Manuela Martins / Fernanda Magalhães / Natália Botica
- 1479 Cerâmicas e Vidros da Antiguidade Tardia do Edifício sob a Igreja do Bom Jesus (Vila Nova de Gaia)
Joaquim Filipe Ramos
- 1493 Novos contributos para a topografia histórica de Mértola no período romano e na Antiguidade Tardia
Virgílio Lopes

8. Época Medieval

- 1511 Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional “português”: algumas evidências e incógnitas
Constança dos Santos / Helena Catarino / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Isabel Inácio / Gonçalo Lopes / Jacinta Bugalhão / Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Ana Sofia Gomes

- 1525 Contributo para o conhecimento da cosmética islâmica, em Silves, durante a Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1537 Yábura e o seu território – uma análise histórico-arqueológica de Évora entre os séculos VIII-XII
José Rui Santos
- 1547 A encosta sul do Castelo de Palmela – resultados preliminares da escavação arqueológica
Luís Filipe Pereira / Michelle Teixeira Santos
- 1559 A igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa): um conjunto de silos e de cerâmica medieval islâmica
Andreia Filipa Moreira Rodrigues
- 1571 O registo material de movimentações populacionais no Médio Tejo, durante os séculos XII-XIII. Dois casos de “sunken featured buildings”, nos concelhos de Cartaxo e Torres Novas
Marco Liberato / Helena Santos / Nuno Santos
- 1585 O nordeste transmontano nos alvares da Idade média. Notas para reflexão
Ana Maria da Costa Oliveira
- 1601 Sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro: primeiros resultados do Projecto SER-NPVD
Mário Jorge Barroca / César Guedes / Andreia Arezes / Ana Maria Oliveira
- 1619 “*Portucalem Castrum Novum*” entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5 (Porto)
João Luís Veloso
- 1627 A Alta Idade Média na fronteira de Lafões: notas preliminares sobre a Arqueologia no Concelho de Vouzela
Manuel Luís Real / Catarina Tente
- 1641 Um conjunto cerâmico medieval fora de portas: um breve testemunho aveirense
Susana Temudo
- 1651 Os Lóios do Porto: uma perspetiva integrada no panorama funerário da Baixa Idade Média à Época Moderna em meios urbanos em Portugal
Ana Lema Seabra
- 1659 O Caminho Português Interior de Santiago como eixo viário na Idade Média
Pedro Azevedo
- 1665 Morfologia Urbana: Um exercício em torno do Castelo de Ourém
André Donas-Botto / Jaqueline Pereira
- 1677 Intervenção arqueológica na Rua Marquês de Pombal/Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures)
Florbel Estêvão / Nathalie Antunes-Ferreira / Dário Ramos Neves / Inês Lisboa
- 1691 O Cemitério Medieval do Poço do Borratém e a espacialidade funerária na cidade de Lisboa
Inês Belém / Vanessa Filipe / Vasco Noronha Vieira / Sónia Ferro / Rodrigo Banha da Silva
- 1705 Um Espaço Funerário Conventual do séc. XV em Lisboa: o caso do Convento de São Domingos da Cidade
Sérgio Pedroso / Sílvia Casimiro / Rodrigo Banha da Silva / Francisca Alves Cardoso

9. Época Moderna e Contemporânea

- 1721 Arqueologia Moderna em Portugal: algumas reflexões críticas em torno da quantificação de conjuntos cerâmicos e suas inferências históricas e antropológicas
Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 1733 Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa
Martim Lopes / Tomás Mesquita

- 1747 Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa
Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão
- 1761 Os Cachimbos dos Séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos (Lisboa)
Inês Simão / Marina Pinto / João Pimenta / Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva
- 1775 «*Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta*». Estudo de Cachimbos provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa
Miguel Martins de Sousa / José Pedro Henriques / Vanessa Galiza Filipe
- 1787 Cachimbos de Barro Caulínico da Sé da Cidade Velha (República de Cabo Verde)
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Clementino Amaro
- 1801 Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa)
Carlos Boavida
- 1815 Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana de Lisboa (anéis, braceletes e contas)
Joana Gonçalves / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes
- 1837 Da ostentação, luxo e poder à simplicidade do uso quotidiano: arqueologia e simbologia de joias e adornos da Idade Moderna Portuguesa
Jéssica Iglésias
- 1849 Os amuletos em Portugal – dos objetos às superstições: o coral vermelho
Alexandra Vieira
- 1865 Cerâmicas de Vila Franca de Xira nos séculos XV e XVI
Eva Pires
- 1879 «Não passa por teu o que me pertence». Marcas de individualização associadas a faianças do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, Alcácer do Sal
Catarina Parreira / Íris Fragoso / Miguel Martins de Sousa
- 1891 Cerâmica de Leiria: alguns focos de produção
Jaqueline Pereira / André Donas-Botto
- 1901 Os Fornos na Rua da Biquinha, em Óbidos
Hugo Silva / Filipe Oliveira
- 1909 A casa de Pêro Fernandes, contador dos contos de D. Manuel I: o sítio arqueológico da Silha do Alferes, Seixal (século XVI)
Mariana Nunes Ferreira
- 1921 O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa
Alexandre Gonçalves / Sandra Santos
- 1937 O contexto da torre sineira da Igreja de Santa Maria de Loures
Paulo Calaveira / Martim Lopes
- 1949 A Necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa de Época Moderna
Susana Henriques / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Sofia N. Wasterlain
- 1963 SAND – Sarilhos Grandes Entre dois Mundos: o adro da Igreja e a Paleobiologia dos ossos humanos recuperados
Paula Alves Pereira / Roger Lee Jesus / Bruno M. Magalhães
- 1975 Expansão urbana da vila de Cascais no século XVII e XVIII: a intervenção arqueológica na Rua da Vitória nº 15 a 17
Tiago Pereira / Vanessa Filipe
- 1987 Novos dados para o conhecimento do Urbanismo de Faro em época Moderna
Ana Rosa

- 1995 Um exemplo de Arqueologia Urbana em Alcoutim: o Antigo Edifício dos CTT
Marco Fernandes / Marta Dias / Alexandra Gradim / Virgílio Lopes / Susana Gómez Martínez
- 2007 Palácio dos Ferrazes (Rua das Flores/Rua da Vitória, Porto): a cocheira de Domingos Oliveira Maia
Francisco Raimundo
- 2021 As muitas vidas de um edifício urbano: História, Arqueologia e Antropologia no antigo Recreatório Paroquial de Penafiel
Helena Bernardo / Jorge Sampaio / Marta Borges
- 2035 O convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: o contributo da arqueologia para o conhecimento de um monumento identitário
João Gonçalves Araújo / N'Zinga Oliveira
- 2047 Arqueologia na ilha do Corvo... em busca da capela de Nossa Senhora do Rosário
Tânia Manuel Casimiro / José Luís Neto / Luís Borges / Pedro Parreira
- 2059 Perdidos à vista da Costa. Trabalhos arqueológicos subaquáticos na Barra do Tejo
Jorge Freire / José Bettencourt / Augusto Salgado
- 2071 Arqueologia marítima em Cabo Verde: enquadramento e primeiros resultados do projecto CONCHA
José Bettencourt / Adilson Dias / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Cristóvão Fonseca / Dúnia Pereira / Gonçalo Lopes / Inês Coelho / Jaylson Monteiro / José Lima / Maria Eugénia Alves / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2085 Trabalhos arqueológicos na Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde): reflexões sobre um projecto de investigação e divulgação patrimonial
André Teixeira / Jaylson Monteiro / Mariana Mateus / Nireide Tavares / Cristóvão Fonseca / Gonçalo C. Lopes / Joana Bento Torres / Dúnia Pereira / André Bargão / Aurélie Mayer / Bruno Zélie / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Inês Henriques / Inês Pinto Coelho / José Lima / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2103 A antiga fortificação de Quelba / Khor Kalba (E.A.U.). Resultados de quatro campanhas de escavações, problemáticas e perspectivas futuras
Rui Carita / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes / Kamyar Kamyad
- 2123 Colónias para homens novos: arqueologia da colonização agrária fascista no noroeste ibérico
Xurxo Ayán Vila / José M^a. Señorán Martín

Prefácio

O volume que agora se publica constitui um instrumento indispensável para quem pretenda acompanhar os trabalhos do **III Congresso de Arqueologia da Associação dos Arqueólogos Portugueses (III CAAP)**, que decorrerá nos próximos dias 18, 19, 20 e 21 de Novembro de 2020, em Lisboa e no Porto, sendo ainda completado com uma visita ao Castro de Monte Mozinho e ao Museu de Penafiel, no dia 22 de Novembro, em que se comemora o 157º aniversário da Associação dos Arqueólogos Portugueses (AAP), a convite da Câmara Municipal de Penafiel, a quem se agradece na pessoa do seu Presidente, Dr. Antonino de Sousa.

Tendo os dois anteriores congressos organizados pela AAP decorrido em Lisboa, com o apoio da Biblioteca Nacional, e das Faculdades de Letras da Universidade de Lisboa, e da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e com a participação de arqueólogos provenientes de todo o país, a Direcção da AAP decidiu continuar esta colaboração com o meio académico nacional, promovendo uma certa descentralização, tendo lançado um desafio a todas as universidades públicas do país com ensino de Arqueologia para acolherem e participarem na organização do III CAAP.

Esse desafio foi prontamente aceite pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e pelo CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura Espaço e Memória”, a quem agradecemos na pessoa dos Professores Doutores Fernanda Ribeiro – Directora da Faculdade de Letras, Amélia Polónia – Coordenadora Científica do CITCEM e Mário Barroca – Professor Catedrático de Arqueologia e Sub-Director da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

O III CAAP foi de início programado para ocorrer de forma presencial, como os dois anteriores. Porém, devido à pandemia do novo Corona vírus (Covid-19), que entretanto assumiu proporções muito grandes, acabou por se decidir que o encontro científico seria realizado, em parte, de forma presencial – limitada às sessões de abertura e encerramento, com um número limitado de participantes – sendo as sessões de trabalho realizadas em modo de videoconferência, a partir de salas disponibilizadas para o efeito na AAP e na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, ou do local escolhido por cada um dos comunicantes. Com esta solução, procura-se possibilitar um contacto e um debate de ideias e troca de conhecimentos tão próximo quanto possível entre os vários participantes, sem colocar em risco a sua segurança sanitária, cumprindo as normas recomendadas pelas autoridades nacionais e mundiais de saúde pública. A visita programada ao Castro de Monte Mozinho e ao Museu de Penafiel decorrerá com número limitado de inscrições, cumprindo todas as normas de segurança.

Apesar de toda a instabilidade que o país e o mundo têm vivido durante o ano de 2020, a resposta da comunidade arqueológica ao desafio deste Congresso foi, uma vez mais, excelente, tendo mesmo ultrapassado ligeiramente a adesão aos eventos anteriores. Com efeito, participaram cerca de 350 arqueólogos e foram entregues, dentro dos prazos e aceites, 112 comunicações e 46 posters, o que perfaz um total de 158 apresentações, agrupadas pelas seguintes áreas temáticas: 1. Historiografia e Teoria; 2. Gestão, Valori-

zação e Salvaguarda do Património; 3. Didáctica da Arqueologia; 4. Arte Rupestre; 5. Pré-História; 6. Proto-História; 7. Antiguidade Clássica e Tardia; 8. Época Medieval; 9. Época Moderna e Contemporânea.

No total, os textos entregues perfazem cerca de 2.200 páginas de trabalho científico, com estudos de âmbitos temáticos e envolvendo quadros crono-culturais muito díspares, num retrato actualizado da investigação arqueológica realizada por diversos arqueólogos que, independentemente da sua nacionalidade, trabalham no território actualmente português ou sobre contextos relacionados com a presença portuguesa no Mundo.

Devido ao elevado custo dos suportes digitais individuais, e às conhecidas restrições orçamentais resultantes da pandemia em curso, ao contrário das anteriores edições, disponibilizadas em DVD e em cartão-pen, os estudos apresentados no III CAAP serão disponibilizadas a todos os inscritos e, a toda a comunidade arqueológica, nos sites da AAP e da FLUL – CITCEM através dos seguintes endereços: http://museuarqueologico.ucp.pt/actas_III_congresso.html e <https://doi.org/10.21747/978-989-8970-25-1/arq>. A disponibilização imediata de todos os artigos enquadra-se nos pressupostos da Ciência Aberta e Ciência Cidadã, possibilitando um acesso ilimitado a tod@s fazendo com que a partilha do conhecimento seja verdadeiramente efectiva.

A realização em tempo útil deste Congresso, nas condições particularmente difíceis do confinamento que nos foi imposto, só foi possível graças ao cumprimento rigoroso das normas e prazos para entrega dos textos, e sobretudo ao empenho, dedicação e profissionalismo dos nossos consócios Andrea Martins e César Neves, da Comissão Científica e Executiva do III CAAP, assim como do designer Paulo Freitas, a quem manifestamos aqui o nosso profundo agradecimento.

A concluir, resta-nos desejar que o III Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses decorra da melhor maneira possível mostrando, mais uma vez, a vitalidade, a qualidade científica e a resiliência da comunidade arqueológica portuguesa.

José Morais Arnaud

(Presidente da Direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses)

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NO SÍTIO CALCOLÍTICO DA PEDREIRA DO POIO

Carla Magalhães¹, João Muralha², Mário Reis³, António Batarda Fernandes⁴

RESUMO

Com este artigo pretendemos dar a conhecer a intervenção arqueológica realizada em finais de 2019, na Pedreira do Poio. Estes trabalhos integram-se no Projecto de Investigação denominado “*Uma investigação sobre a Pré-história Recente do Vale do Côa. Dinâmicas de uso e ocupação do território*”. O sítio foi identificado por arqueólogos da Fundação Côa Parque. Localiza-se em plena área de exploração da pedreira do Poio e, quando foi reconhecido, encontrava-se já muito destruído. O principal objectivo desta intervenção consistiu na recuperação do máximo de informação possível. No final dos trabalhos duas ideias surgem: 1 – o sítio cronologicamente insere-se na Pré-história Recente; 2 – o seu tipo é inédito na região: um sítio de fossas.

Palavras-chave: Alto Douro, Pré-história Recente, Escavação, Sítio de fossas.

ABSTRACT

This article intends to disclose the archaeological intervention carried out in late 2019, in Pedreira do Poio, as part of the Research Project “*An investigation on the Late Prehistory of the Côa Valley. Dynamics of use and occupation of the territory*”. The site was identified by archaeologists from the Côa Park Foundation. It is located in the middle of the exploration area of the Poio quarry and, when recognized, it was already quite destroyed. The main objective of this intervention was to recover as much information as possible. At the end of the work two ideas emerge: 1 – the site chronologically falls within Late Prehistory; 2 – its type is unprecedented in the region: a pit site.

Keywords: High Douro, Late Prehistory, Excavation, Pit-site.

1. INTRODUÇÃO

A escavação arqueológica na Pedreira do Poio, respondeu à primeira intervenção de campo do Projecto de Investigação denominado “*Uma investigação sobre a Pré-história Recente do Vale do Côa. Dinâmicas de uso e ocupação do território*” que tem como objectivo principal o estudo das dinâmicas de povoamento da Pré-história Recente no Vale do Côa. A região considerada neste projecto tem sido objecto de trabalhos orientados para a identificação e estudo de sítios arqueológicos, ao nível da construção de inventários, cartas arqueológicas e problemáticas de território (Coixão, 1996; 1999; Aubry & alii, 1997; Carvalho, 1999; 2003; 2004; Reis, 2012; 2013; 2014).

No entanto, apesar da sua excelente qualidade, estes estudos têm deixado em aberto problemáticas mais específicas como a arqueologia da paisagem, onde a reflexão sobre implantações geomorfológicas adquire um papel importante.

É importante referir igualmente que os trabalhos de investigação no Parque Arqueológico do Vale do Côa, desde a sua fundação, não têm sido exclusivos do período Paleolítico. A cronologia compreendida entre o 3º e 2º milénio AC tem sido abordada nos últimos anos, de uma forma consistente mas não continuada. Pesquisas como “*A Pré-história Recente do Parque Arqueológico do Vale do Côa (1999-2000)*”, dirigido por António Faustino de Carvalho (2003, 2004); “*A Idade do Bronze no Baixo Côa (2006-*

1. Fundação Côa Parque; carlasmagalhaes@hotmail.com

2. CEAAAC/UC; jmuralha@gmail.com

3. Fundação Côa Parque e CEAAAC/UC; marioreis@arte-coa.pt

4. Direção-Geral do Património Cultural e CEAAAC/UC; batarda@outlook.com

-2009), liderada por Glória Donoso e “Art-Facts – Uma investigação sobre os contextos arqueológicos da Arte Esquemática no vale do Côa (2013-2016)”, coordenada por Lara Bacelar Alves e João Muralha Cardoso, foram projectos que trataram problemáticas relacionadas aos contextos de diferentes sítios arqueológicos na tentativa de caracterizar as ocupações humanas específicas de cada local e integrá-las em modelos de ocupação do espaço. Os dados publicados desses sítios arqueológicos, são importantes para uma reflexão sobre a construção das paisagens sociais do 3º e 2º milénio do Vale do Côa e da sua região maior, o Alto Douro português.

Os trabalhos decorreram entre 28 de Outubro e 5 de Novembro de 2019 e contaram com a presença de todos os elementos do projecto; Carla Magalhães, António Batarda Fernandes, Mário Reis e João Muralha. Contamos ainda com a visita de Dalila Correia e um apoio de Bárbara Carvalho na escavação e desenhos finais.

Toda a logística de trabalho de campo (escavação, organização e sistematização de materiais) foi assegurada pela Fundação Côa Parque, a qual cedeu instalações para tratamento dos materiais (lavagem e contentorização adequada), providenciou parte do transporte para o campo e parte do material utilizado para a intervenção arqueológica. Os meios fotográficos pertenciam aos investigadores do projecto. Os custos financeiros da intervenção foram praticamente nulos. Os poucos gastos existentes foram suportados pela equipa de projecto.

2. O SÍTIO ARQUEOLÓGICO; GEORREFE-RENCIAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO

As Pedreiras do Poio situam-se numa elevação com cerca de 380 metros acima do nível do mar, sobranceiras ao Rio Côa, na sua margem esquerda, localizando-se na freguesia e concelho de Vila Nova de Foz Côa, distrito da Guarda.

Aproveitando um fenómeno geológico (sinforma), é aqui possível a extracção de pedra de xisto de forma a obter-se blocos coesos que podem ter diversas aplicações como materiais de construção. Contudo, nestas pedreiras, produziram-se tradicionalmente os chamados esteios, postes de pedra utilizados na plantação da vinha, aproveitando-se para a sua extracção a relação que aqui se verifica de quase perpendicularidade entre estratificação e clivagem da rocha metamórfica (Búrcio, 2004). A diversificação

da produção para outros materiais de construção de aplicação mais abrangente dá-se apenas no final do século XX. Assim, devido à importância dos esteios para o plantio de vinha na região demarcada do Douro (onde se localizam as pedreiras) em que outros recursos, nomeadamente madeira, que pudessem ser usados para este fim não abundam, é comum a ideia que esta exploração será tão antiga como a própria existência da região vinícola demarcada do Douro. No entanto, a primeira fonte histórica que refere a existência das pedreiras data apenas do final do século XIX, sendo, por exemplo, que as Memórias Paroquiais de 1758 não referem a existência de qualquer pedreira no concelho de Vila Nova de Foz Côa. É apenas no XI volume do Dicionário “Portugal Antigo e Moderno”, publicado em 1886, que Pinho Leal refere estas pedreiras, notando o uso da pedra extraída como esteios ou para blocos de maiores dimensões, em tanques, lagares e mesmo pontes, terminando com o encómio de que “Não se conhece em todo o Douro outra pedreira igual a esta de Foscoa” (pp. 839-840) (Figura 1).

3. OBJECTIVOS, ESTRATÉGIA E METODOLOGIA

O sítio arqueológico da Pedreira do Poio foi identificado por arqueólogos da Fundação Côa Parque. Localiza-se em plena área de exploração da pedreira e quando o sítio foi reconhecido, já se encontrava praticamente destruído. Desta forma, orientamos todas as nossas acções para a recuperação do máximo de informação possível. Assim, o objectivo fundamental foi encontrar, dentro da área de trabalho, bastante reduzida, uma metodologia que nos permitisse aceder a informação menos perturbada, recolher o máximo possível de materiais arqueológicos e tentar, através de uma prospecção em redor, delimitar os contornos do que teria sido o sítio arqueológico. Considerando este objectivo, utilizamos a seguinte estratégia:

- a) Limpeza do corte do caminho que atravessa o sítio arqueológico.
- b) Alargamento dos cortes necessários, no sentido do exterior do caminho (para áreas pouco destruídas), em duas situações.
- c) Prospecção “intra-site” para tentarmos perceber a área de dispersão de materiais, com o objectivo, se possível, de aferir a dimensão original do sítio arqueológico (Figura 2).

Metodologia de escavação

A metodologia de escavação seguiu os princípios de estratigrafia e de registo preconizados por Barker (1978), tendo em consideração a natureza dos contextos identificados. Tentamos dar resposta a todos os problemas que nos foram surgindo adoptando procedimentos enunciados por Angelucci (2003) nas questões estratigráficas e Schiffer (1987), nos problemas pós-deposicionais. O processo de escavação e registo foi conduzido no sentido da identificação e individualização de unidades contextuais.

4. DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS TRABALHOS REALIZADOS

4.1. Limpeza do corte e seu estudo.

Os trabalhos de campo iniciaram-se com o desbaste de alguns arbustos que impediam uma correcta visualização e leitura dos cortes do caminho. Após esta limpeza, foram escolhidas e delimitadas as áreas a trabalhar, considerando o primeiro objectivo desta intervenção: o lado Este do caminho foi designado de corte 1, e o lado Oeste de corte 2; as áreas, inseridas nos respectivos cortes, foram assinaladas por 1.1, 1.2 e 1.3 no lado Este e 2.1, 2.2 no lado Oeste. As duas sondagens abertas foram numeradas sequencialmente; sondagem 1 e sondagem 2 (ver Figura 3). Para uma melhor sistematização da informação, optámos por fazer primeiro a descrição dos cortes e só depois a enumeração e interpretação das fossas identificadas.

Corte 1.1

Este corte, com um comprimento de 1.80m, apresentava uma estratigrafia muito simples. A unidade estratigráfica 01, correspondia a uma camada humosa misturada com aterro relativamente recente (com cerca de 4 anos). No decorrer dos trabalhos percebemos que toda a área Este da intervenção tinha sido objecto de uma terraplanagem para a construção de um Poste de Transformação existente a cerca de 30m a Norte da área de trabalhos. A unidade 02 correspondia a um nível argilo-siltoso de cor amarelada composto por poucos materiais arqueológicos, pequenas pedras de xisto (entre 0,5cm e 2cm) e sedimento argiloso. Parece corresponder ao nível de ocupação pré-histórica do sítio, e foi nesta unidade que as fossas foram abertas. A última unidade detectada corresponde à desagregação do substrato geológico. Foram recolhidos poucos materiais arqueológicos.

Corte 1.2

Tinha um comprimento de 1.80m e a única alteração em relação ao corte anterior, consistia na existência de um nível de aterro perfeitamente visível (unidade 09). O aterro é composto por raros materiais arqueológicos, lajes aparelhadas, pedras irregulares, tijolos, cimento, telha, terra mais ou menos compacta e terra humosa revolvida.

Ao contrário do corte anterior, a limpeza desta área revelou um conjunto de materiais líticos e cerâmicos muito coerente, relativamente à sua cronologia: meados do 3º milénio.

Corte 1.3

Este corte foi limpo e estudado, pois uma observação atenta, já no terceiro dia de trabalhos, identificou uma pequena fossa (fossa 6). O corte tem o comprimento de 3.80m. A estratigrafia é um pouco mais complexa, devido à fossa. Foram apenas recolhidos seis fragmentos cerâmicos, todos na fossa 6, maioritariamente corroídos, sem decoração e com vestígios de fogo.

Corte 2.1

Tem um comprimento de 2.50m e foram aqui identificadas as fossas 1 e 2. A estratigrafia continua a ser bastante simples, apesar da existência das fossas. Foi neste corte que percebemos que estas estruturas negativas foram abertas na unidade estratigráfica 02.

Corte 2.2

Tem um comprimento de 2.70m e foram identificadas 3 fossas (a 3, 4 e 5). A estratigrafia continua a ser simples, exceptuando os níveis identificados no interior das estruturas negativas. É interessante referir que a unidade estratigráfica correspondente ao aterro não foi identificada nos dois cortes efectuados no lado Oeste do caminho (Figura 4).

Fossa 1

Tem uma abertura média de boca de 0.80m e uma profundidade de 0.50m. A sua morfologia é subquadrangular e tem um fundo recto. O seu enchimento parece ter acontecido de uma só vez e apresenta um sedimento argiloso com silte de cor amarela acastanhada. Foram recolhidos materiais arqueológicos (cerâmica e líticos) e fauna. Tem ainda lajes de pequeno e médio calibre (entre 5cm e 20cm). O seu interface surge na unidade estratigráfica 02 e continua pela 08 que, como vimos, representa o substrato

geológico. Os materiais recolhidos são muito homogêneos. A cronologia aponta para o calcolítico regional. As decorações cerâmicas pertencem ao universo das impressas penteadas (ondulados e rectilíneos).

Fossa 2

Identificada, como a anterior, no corte 2.1. Encontrava-se muito destruída pelo corte aberto para o caminho. Teria uma boca de cerca de 0.80m e uma profundidade de 0.30m. Apresentava uma morfologia subquadrangular, mas o seu fundo era côncavo. Estava preenchida com um sedimento argiloso com silte de cor amarela acastanhada, com raros materiais arqueológicos. No perfil não foram detectadas lajes.

Fossa 3

Identificada no corte 2.2 e muito bem preservada. Tem uma morfologia em U com um diâmetro de boca de cerca de 1.20m e uma profundidade de 1.00m. Quer no corte, quer posteriormente na sua escavação em plano, percebemos que todo o seu interior estava intacto. Esta situação permitiu recuperar toda a informação do seu enchimento. Assim temos, de cima para baixo:

UE 17 – Nível de sedimento muito escuro, com raros materiais arqueológicos. Corresponde a pequena lareira, feita na boca da estrutura.

UE 10 – Nível de argila cozida, muito compacta que sela / condena a fossa. Não foram recolhidos materiais arqueológicos.

UE 18 – Corresponde ao primeiro nível de enchimento da fossa. Tinha uma espessura média de 0.30m, era constituída por lajes de xisto de pequena e média dimensão, sedimento argilo-arenoso, algumas raízes apodrecidas e desagregadas, materiais arqueológicos e fauna. Os materiais recolhidos são todos da primeira metade e meados do 3º milénio.

UE 21 – Segundo nível de enchimento. Tinha uma espessura média de 0.30m. Composto por lajes de xisto de média a grande dimensão, argila cozida compacta, fauna, materiais líticos e cerâmicos e carvões.

UE 22 – Terceiro e último nível do enchimento da estrutura em negativo. Espessura média de 0.15m. Corresponde à base da fossa. Estava preenchida com lajes de grande dimensão, sobrepostas, quase sem sedimento e este quando estava presente tinha uma coloração cinzenta-esverdeada, semelhante a argila misturada com cinzas. Foram recolhidos raros materiais (alguma cerâmica e fauna) Este último

nível de enchimento estava já escavado na rocha de base. Uma particularidade interessante desta fossa relaciona-se à acção de condenação: uma cobertura de argila muito prensada, cozida pela instalação da lareira que estava imediatamente por cima. Por outro lado, os três momentos de “uso” desta fossa, encontram-se perfeitamente identificados. Não se detectam grandes diferenças entre eles a não ser nos sedimentos e dimensões das lajes de xisto, já que os materiais arqueológicos recolhidos são cronologicamente homogêneos (Figura 5 e 6).

Fossa 4

Estrutura muito destruída pela abertura do caminho. Foi identificada pela base, isto é, pelo corte/escavação no substrato geológico. Impossível determinar a sua morfologia assim como as medidas. A base, aparentemente seria subquadrangular. Foram recolhidos escassos materiais. Identificada no corte 2.2.

Fossa 5

Esta estrutura foi igualmente identificada no corte 2.2, no canto Sul. Pequena fossa de 0.40m de profundidade e com um diâmetro de boca de 0.30m. Morfologia em U. Parece ter tido dois momentos de preenchimento:

UE 11 – Sedimento de cor castanho escura, argiloso com raros materiais arqueológicos. Parece corresponder ao último nível do enchimento da fossa.

UE 12 – Segundo nível de enchimento da fossa 5. Sedimento de cor castanha escura, argiloso, raras lajes de xisto de pequena dimensão e materiais arqueológicos. Tanto os materiais arqueológicos como as lajes recolhidas apresentavam vestígios de terem estado sob a acção de fogo.

Fossa 6

Identificada no corte 1.3. Pequena estrutura com cerca de 0.50m de profundidade e de abertura de boca. A sua morfologia é igualmente em U. Teve dois momentos de enchimento.

UE 20 – Ocupa quase toda a fossa, tem uma espessura de 0.40m e é constituído por terra argilosa, compacta, poucos materiais arqueológicos e pequenas lajes de xisto.

UE 23 – Segundo e último nível de enchimento da estrutura. Composto por lajes de grandes dimensões, envoltas em pouco sedimento, apresentando uma coloração cinzento esverdeada.

Em corte era visível a existência de uma área de xisto queimado, imediatamente por baixo da base da fossa, sugerindo que, no momento em que esta estrutura é construída, é ateado um fogo na base. O sedimento da própria UE 23 remete para cinzas.

4.2. As sondagens.

Foram realizadas duas sondagens no prolongamento de duas áreas onde tínhamos identificado estruturas negativas.

Sondagem 1

Esta sondagem foi aberta no prolongamento do corte 2.1, com 1.00m por 0.60m. O objectivo era escavar o remanescente da fossa 2. A estratigrafia era muito simples e a leitura da fossa em corte, manteve-se no plano. A única particularidade a assinalar foi a identificação na base da fossa de uma área muito queimada, sugerindo uma acção de queima do fundo da estrutura.

Sondagem 2

Sondagem aberta no prolongamento do corte 2.2, com 1.50m por 0.60m. O objectivo passava pela escavação da fossa 3 e tentar perceber se a estratigrafia identificada em corte se mantinha idêntica. O segundo objectivo foi atingido, pois as UE's identificadas em corte, mantiveram-se em plano. Relativamente ao primeiro, este não foi atingido plenamente. A fossa estendia-se um pouco mais para o lado Oeste da sondagem, dando origem, no entanto, a um segundo corte desenhado. O significado mais importante desta sondagem foi a recolha de material nas respectivas unidades estratigráficas. Apesar de ser bastante homogéneo, o seu estudo completo talvez permita no futuro, apreender algumas, pequenas dissimilaridades. Mais uma vez, a base desta estrutura apresentava-se queimada, sugerindo uma acção de queima das fossas antes do seu preenchimento (Figura 7 e 8).

4.3. Prospeção “intra-site”

O objectivo desta fase de trabalhos passava pela aferição da área original do sítio arqueológico. Apesar de conseguirmos recolher alguns materiais dispersos pela pedreira, cedo se percebeu de que as constantes alterações das áreas de extracção de pedra nos últimos 50 anos foram de tal forma grandes que seria impossível perceber qual a área original do sítio. No entanto, tendo em consideração, a recolha de

material, a análise da cartografia antiga e as conversas tidas com o encarregado que há mais tempo trabalha na pedreira, podemos sugerir que esta estação arqueológica abrangeria o topo do antigo esporão sobre o rio Côa; uma área de cerca de 80m por 60m.

5. DISCUSSÃO

A discussão destes dados que agora podemos fazer tem de ser entendida num quadro interpretativo muito específico. A informação é muito parcelar, pois acreditamos que apenas escavamos uma área muito pequena do sítio arqueológico. O debate sobre que tipo de sítio será este; apenas de fossas, de fossas e fossos ou mesmo combinando uma arquitectura em positivo e negativo, é impossível de fazer e mesmo qualquer tentativa de reflexão sobre a sua organização espacial, seria meramente um exercício académico sem grande fiabilidade. Resta-nos pensar sobre um conjunto de problemáticas que poderão ser desenvolvidas a partir destes contextos precisos:

- a) a importância do sítio (de fossas) no contexto geográfico do Alto Douro, considerando não só a escassez deste tipo de sítio nesta área como a particularidade da sua implantação, num remate de esporão sobre o rio Côa;
- b) a interpretação destas estruturas.

Apesar da sua raridade no interior Norte de Portugal, estes contextos têm sido referenciados, escavados e estudados no Alentejo. Os trabalhos de minimização da construção da barragem do Alqueva e dos respectivos blocos de rega, no âmbito do património arqueológico, revolucionaram empiricamente o conhecimento da Pré-história Recente daquela região (Valera & *alii*, 2010; Baptista & *alii*, 2012; Vale & *alii*, 2015; Gomes & *alii*, 2015, Gomes & Baptista, 2017; Baptista & Gomes, 2019). No entanto, a problemática em torno das dinâmicas diacrónicas de ocupação daqueles espaços e a sua interpretação ainda é alvo de discussão. Infelizmente o sítio da Pedreira do Poio, pelo seu grau de destruição, pouco contribuirá para este debate.

Na região do Alto Douro e a Sul deste rio, para o 3º milénio, apenas eram conhecidos o sítio da Quinta da Atalaia (Trancoso) e Santa Bárbara (Sabugal), embora este último já fora daquela denominação geográfica. A Norte, conhecemos os trabalhos arqueológicos realizados no âmbito do Plano de Salvaguarda do Património (PSP), aplicados ao projecto de construção do Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo

Sabor (AHBS), nos sítios da Foz do Medal (Gaspar & *alii*, 2014) e da Quinta das Laranjeiras (Gaspar & *alii*, 2014). Apesar do grande interesse destes dois sítios, a sua cronologia é um pouco mais recente do que parece ser a do sítio da Pedreira do Poio e, por outro lado, a problemática que está publicada relaciona-se a contextos específicos de enterramentos.

A Sul do Douro, o sítio da Quinta de Atalaia (Velho & Velho, 1999; Ferreira, 2000; Perestrelo & Osório, 2005), até ser extensivamente escavado igualmente no âmbito de uma obra pública (construção do IP2, troço entre Celorico da Beira e Vila Nova de Foz Côa), era referido como um povoado com características defensivas pois era visível uma estrutura granítica na área superior do cabeço, que se poderia considerar parte de um sistema defensivo (Ferreira, 2000, p. 365). A sua inserção cronológica não oferece grandes dúvidas a todos os autores que se debruçaram sobre os materiais recolhidos em várias visitas ao sítio (Velho & Velho, 1999, pp. 245-246). Todos apontam para o Calcolítico e a existência de alguns fragmentos de taças carenadas, pode transportar esta cronologia para o Bronze Inicial. Era impossível fazer referências à sua arquitectura, considerando que estes trabalhos eram apenas de recolha e identificação de materiais. As sondagens arqueológicas efectuadas por João Albergaria, João Rebuge, Liliana Carvalho e Pedro Peça (2009), revelaram 11 fossas escavadas no substrato geológico e a provável existência de um recinto muralhado. Os autores da escavação, baseando-se nos materiais arqueológicos recolhidos, corroboram a inserção cronológica do sítio, como sendo, maioritariamente calcolítica e prolongando-se para a Idade do Bronze e Ferro, embora existam alguns vestígios que podem apontar para cronologias mais antigas (Neolítico Médio/Final).

O sítio de Santa Bárbara no Sabugal, foi objecto de estudos mais circunstanciados (Pernadas, 2012; 2013; Vale, 2016). O trabalho de Pernadas, de âmbito académico (2012), faz a monografia dos trabalhos arqueológicos onde se identificaram 14 estruturas em negativo de tipo fossa, um provável fosso e alguns buracos de poste. As fossas são bastantes heterogéneas e pouco profundas. Segundo o autor da intervenção, foram preenchidas num curto espaço de tempo. Através do estudo da componente artefactual, Pernadas remete a datação deste sítio arqueológico para o Calcolítico regional, e avança um conjunto de propostas funcionais para estas estruturas

explicadas no âmbito de contextos domésticos. O trabalho de Vale (2016) não pretende atribuir funcionalidades às estruturas, mas sim compreender a dinâmica de construção do espaço relacionando os materiais e as estruturas. Para perceber esta relação a autora analisa não só a distribuição artefactual nas diversas fossas, como estuda a sua fragmentação de forma a perceber os processos de enchimento das fossas, tentando assim estudar, possíveis momentos construtivos. Desta forma, no final do seu trabalho, a autora refere a possibilidade de os fragmentos que se encontram nas respectivas unidades estratigráficas, poderem ser considerados elementos construtivos/arquitectónicos na medida em que participam da acção de encerramento das fossas. Esta ideia parece-nos muito interessante, pois reconfigura a ideia de construção, não só ao nível dos elementos construtivos, como ao nível da própria ideia de arquitectura, de fazer arquitectura. Como refere a autora, “O preenchimento das estruturas em negativo em Santa Bárbara é feito através do arranjo de um conjunto de coisas, inteiras e fragmentadas, de diferentes matérias-primas e proveniências, com diferentes tempos associados, por exemplo, de recolha e transformação, de uso e de descarte (...)” (Vale, 2016, p. 21). Mesmo considerando o pequeno número de fossas intervencionadas na Pedreira do Poio e o seu grau de destruição, podemos dizer que o próprio preenchimento das estruturas negativas, não parece ser muito diferente, no sentido em que são utilizados materiais inteiros ou fragmentados, de diferentes matérias-primas e diferentes proveniências.

Além deste facto, o que é interessante na Pedreira do Poio é a grande diferença formal e a aparente diversidade sequencial de enchimentos distintos. Durante o processo de escavação, a análise efectuada a essas sequências de enchimento, reconhece a existência de níveis intencionais de deposição. Parece existir a formalização de uma acção construtiva do enchimento. A acção não é encher a fossa, a acção parece ser construir o enchimento da fossa.

Esta ideia tem sido convocada por vários autores a propósito de contextos semelhantes escavados no Sul de Portugal. Vale & *alii* (2015) e Gomes & Baptista (2017), entre outros, realçam o facto de alguns dos contextos estudados apresentarem características que permitem o reconhecimento de uma intencionalidade no processo de enchimento das estruturas. Os autores referem que os enchimentos são diferenciados e poderão remeter para diferentes práticas

de cariz social; as estruturas/fossas seriam usadas enquanto contentores de cenários sociais distintos (Vale & alii, 2015, pp. 312-313).

BIBLIOGRAFIA

ALBERGARIA, João; REBUJE, João; CARVALHO, Liliana e PEÇA, Pedro (2020) – *Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos da minimização de impactes patrimoniais no âmbito da Subconcessão Auto-estrada Douro Interior – Lote 5 – IP2 – Lanço Celorico da Beira/Trancoso (IP5) – Quinta da Atalaia (Celorico da Beira) – fase 6*. Acesso em: 16 de Maio de 2020.

ANGELUCCI, Diego (2003) – A partir da terra: a contribuição da Geoarqueologia. In MATEUS, J. E.; MORENO-GARCIA, M., Eds. – *Paleoecologia humana e arqueociências: um programa multidisciplinar para a Arqueologia sob a tutela da Cultura*, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 35-103.

AUBRY, Thierry; CARVALHO, António; ZILHÃO, João (1997) – Arqueologia, in *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa, Trabalhos de 1995-1996*, coordenação de João Zilhão, Lisboa, Ministério da Cultura. pp. 77-212.

BAPTISTA, Lúcia; GOMES, Sérgio e COSTA, Cláudia (2012) – As dinâmicas de deposição e construção no sítio pré-histórico de Horta de Jacinto (Beringel, Beja), in *Actas do V Encontro de Arqueologia Peninsular*, Almodôvar, Município de Almodôvar, pp. 585-595.

BAPTISTA, Lúcia; GOMES, Sérgio (2019) – Fragmentation and Architecture. Contributions to the debate on the fillings of negative structures in Baixo Alentejo's Late Prehistory. In VALERA, António, (Ed.) *Fragmentation and Depositions in pre and proto-history Portugal*, Lisboa, Portugal: Núcleo de Investigação Arqueológica – Era Arqueologia. pp. 85-103.

BARKER, Philip (1978) – *Techniques of Archaeological Excavation*, London, Routledge Press.

BÚRCIO, Mauro Daniel (2004) – Das Vinhas do Douro aos Oceanos primitivos; a origem dos esteios de xisto. *Côavisão* 6, Vila Nova de Foz Côa, pp. 9-14.

CAPELA, José Viriato (coord.) (2013) – As freguesias do Distrito da Guarda nas *Memórias Paroquiais* de 1758. Memórias, História e Património. Braga: Universidade do Minho.

CARVALHO, António (2003) – O final do Neolítico e o Calcolítico no Baixo Côa (Trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa, 1996-2000). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6:2, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 229-273

CARVALHO, António (2004) – O Povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o início da Idade do Bronze no Baixo Côa (Trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7:1, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 185-219.

CARVALHO, António (1999) – Os sítios de Quebradas e de Quinta da Torrinha (Vila Nova de Foz Côa) e o Neolítico antigo do Baixo Côa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2:1, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 39-70.

COIXÃO, António Sá (1996) – *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.

COIXÃO, António Sá (1999) – *A ocupação humana na Pré-história recente na região de entre Côa e Távora*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia Pré-histórica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.

FERREIRA, Maria do Carmo (2000) – Contributos para a Carta Arqueológica do Concelho de Trancoso. In FERREIRA, M., PERESTRELO, M., OSÓRIO, M. e MARQUES, A. (Eds.), *Beira Interior: História e Património*: Actas das I Jornadas do Património da Beira Interior, Guarda, Outubro de 1998, Câmara Municipal da Guarda, pp. 361-373.

GASPAR, R.; CARRONDO, J.; NOBRE, L.; RODRIGUES, Z.; DONOSO, G. (2014) – Espaço para a morte. O terraço da Foz do Medal (Vale do Sabor, Nordeste de Portugal) durante a Idade do Bronze. *Estudos do Quaternário / Quaternary Studies*, América do Norte, o, maio 2014. Disponível em: <<http://www.apeq.pt/ojs/index.php/apeq/article/view/85>>. Acesso em: 24 Maio 2020.

GASPAR, Rita; RIBEIRO, Ricardo; REBELO, Paulo; NETO, Nuno e CARVALHO, Maria (2014) – Bronze Age Funerary Contexts in Northeast Portugal, Terraço das Laranjeiras (Sabor Valley). In BETTENCOURT, Ana, COMENDADOR REY, Beatriz, SAMPAIO, Hugo, SÁ, Edite (Eds.) *Corpos e Metais na Fachada Atlântica da Ibéria. Do Neolítico à Idade do Bronze*, Braga, APEQ e CITCEM, pp. 49-62.

GOMES, Sérgio; BAPTISTA, Lúcia, MENDONÇA, Rodry, VALE, Nelson e PINHEIRO, Rui (2015) – Estruturas em negativo e construção do espaço durante a Pré-história Recente no interior alentejano: os casos das estações de Varandas 1 e Varandas 2 (Ervidel, Aljustrel, Beja), *VII Encuentro de Arqueologia del Suroeste Peninsular*, Aroche-Serpa, pp. 147-158.

GOMES, S.; BAPTISTA, L. (2017) – Arquitetura e Arquivo. Contributos para uma compreensão das estruturas em negativo da Pré-história Recente das colinas entre os Barrancos da Morgadinha e da Laje (Serpa, Beja). *Estudos do Quaternário / Quaternary Studies*, América do Norte, o, dez. 2017. Disponível em: <<http://www.apeq.pt/ojs/index.php/apeq/article/view/258>>. Acesso em: 24 Maio 2020.

PERESTRELO, Manuel Sabino e OSÓRIO, Marcos (2005) – Pré-história Recente na Região da Guarda-alguns subsídios, *Côavisão*, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, pp. 207-232.

PERNADAS, Paulo (2012) – *Estruturas em negativo da Pré-História Recente na Beira Interior: o caso de Santa Bárbara*

(Aldeia da Ponte – Sabugal). Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, policopiada.

PINHO LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de (1886) – *Portugal antigo e moderno: Diccionario Geographico, Estatistico, Chorografico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias. Se estas são notaveis, por serem patria d'homens celebres, por batalhas ou noutros factos importantes que nellas tiveram lugar, por serem solares de familias nobres, ou por monumentos de qualquer natureza, alli existentes. Noticia de muitas cidades e outras povoações da Lusitania de que apenas restam vestígios ou somente a tradição*. Lisboa: Tavares Cardoso e Irmão, XI volume.

REIS, Mário (2012) – Mil rochas e tal...! Inventário de Arte Rupestre do Vale do Côa. *Portugália*. Porto. 33. pp. 5-72.

REIS, Mário (2013) – Mil rochas e tal...! Inventário de Arte Rupestre do Vale do Côa. *Portugália*. Porto. 34. pp. 5-68.

REIS, Mário (2014) – Mil rochas e tal...! Inventário de Arte Rupestre do Vale do Côa. *Portugália*. Porto. 35. pp. 17-59.

SCHIFFER, Michael (1987) – *Formation Processes of the Archaeological Record*, New Mexico. University of New Mexico Press.

VALE, Ana (2016) – Dinâmicas de oclusão de estruturas em negativo no sítio de Santa Bárbara (Aldeia da Ponte, Sabugal) – Estudo de fragmentação cerâmica, in *SABUCALE* – Revista do Museu do Sabugal. 8. pp. 7-22.

VALE, Nelson; GOMES, Sérgio; BAPTISTA, Lúcia; PINHEIRO, Rui e FERNANDES, Sandrine. (2015) – Vale Frio 2 (Ferreira do Alentejo, Beja) – práticas de enchimento das estruturas em negativo de cronologia pré-histórica, *VII Encuentro de Arqueologia del Suroeste Peninsular*, Aroche-Serpa, pp. 301-313.

VALERA, António e FILIPE, Vítor (2010) – Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa): nota preliminar sobre um espaço funerário e de socialização do Neolítico Final à Idade do Bronze, *Apointamentos de Arqueologia e Património*, 5, Lisboa, NIA-ERA Arqueologia, pp. 49-56.

VELHO, Alexandra e VELHO, Gonçalo (1999) – A estação Calcolítica da Quinta da Atalaia (Trancoso, Guarda). *Estudos Pré-históricos*, vol. VII, pp. 241-250.

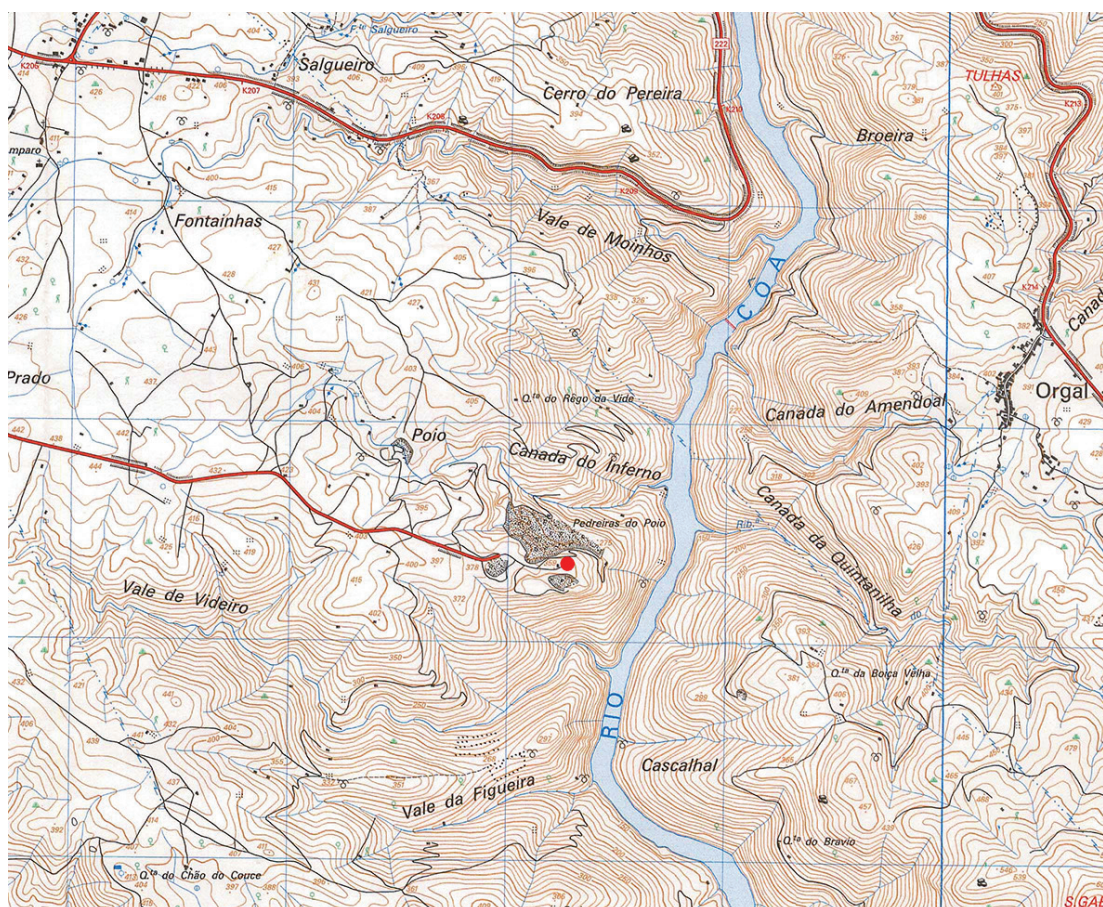


Figura 1 – Localização da intervenção arqueológica (pequeno ponto vermelho), em cartografia CMP 1:25000, folha nº – 141, com as seguintes coordenadas: Latitude – 41°03'03"; Longitude W (Greenwich) – 07°07'09"; Altitude – 360 m (ponto médio).



Figura 2 – Aspecto geral do sítio no início dos trabalhos de escavação.

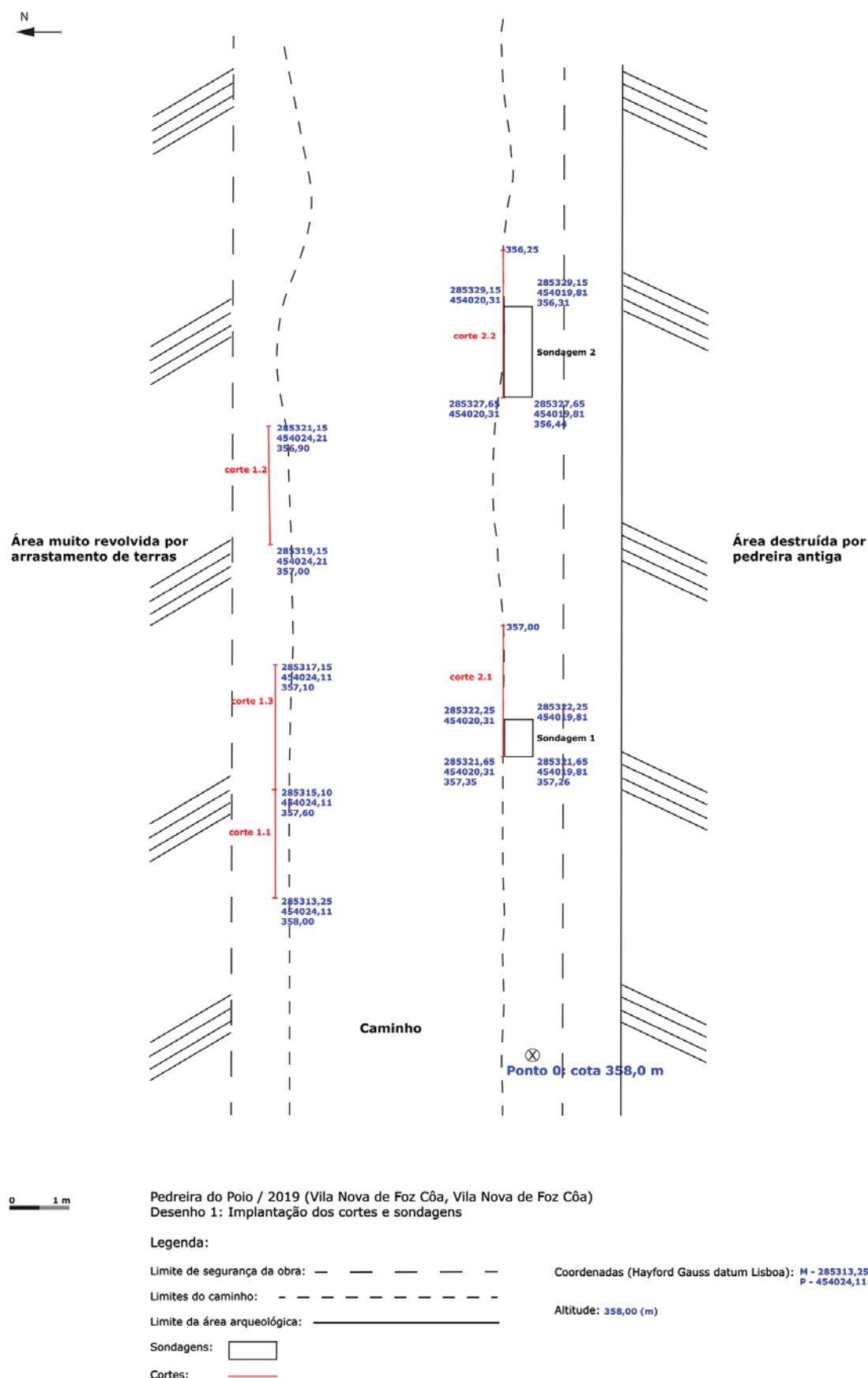


Figura 3 – Planta da área escavada com a localização dos cortes e das sondagens.



Figura 4 – Vista geral do corte 2.2.

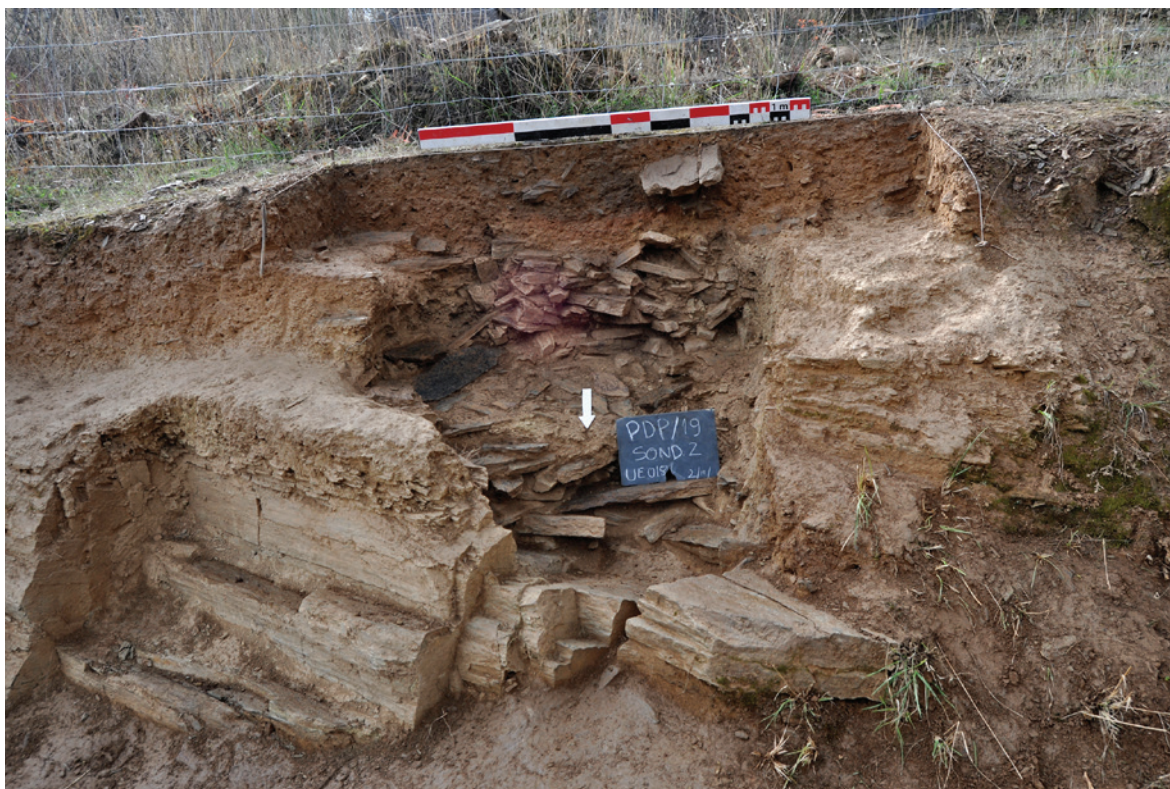


Figura 5 – Pormenor da fossa 3.



Figura 6 – Fragmento cerâmico recolhido na fossa 3. Decoração impressa penteada ondulada. É interessante reparar no afeiçoamento das arestas do fragmento.



Figura 7 – Pormenor dos trabalhos na sondagem 2.



Figura 8 – Final dos trabalhos de escavação na área da sondagem 2 e fossa 3.

AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

U. PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio:

museu
museu da cidade do porto

